

## **HOMOSSEXUALIDADE: VARIAÇÃO NORMAL DO DESEJO OU DESEJO DESIGUAL? A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DE ARACAJU-SE**

Mônica Ismerim Barreto<sup>i</sup>

Universidade Federal de Sergipe/ [monicaismerim@gmail.com](mailto:monicaismerim@gmail.com)

Maria Inêz Oliveira Araujo<sup>ii</sup>

Universidade Federal de Sergipe/ [inezaraujo@uol.com.br](mailto:inezaraujo@uol.com.br)

### **Resumo**

A discussão sobre a sexualidade no ambiente escolar é geralmente permeada por medos e dúvidas, principalmente quando se trata da homossexualidade. O professor de Ciências é considerado o que tem o 'saber competente' para discutir esse tema. Esse trabalho teve como objetivo identificar qual o posicionamento de professores de Ciências das escolas municipais de Aracaju/SE que participam do programa "Horas de Estudo" frente a situações envolvendo a homossexualidade. Para tanto, um questionário foi respondido por nove professores, sendo que neste artigo utilizaremos uma questão da pesquisa supracitada. Evidenciamos que o grupo pesquisado compreende a homossexualidade em certa medida, como um desejo desigual, pois das cinco sentenças discutidas, em apenas duas foram assinaladas de maneira positiva por mais da metade dos professores, fato esse que indica o preconceito destes professores.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências; Educação sexual; Homossexualidade.

## **HOMOSSEXUALITÉ: VARIATION NORMAL DU DÉsir OU DÉsir INÉgal? LA PERCEPTION DU PROFESSEURS DE SCIENCES DE ARACAJU-SE**

### **Résumé**

La discussion sur la sexualité dans l'ambiance scolaire est généralement clôturée par peurs et doutes, surtout quand s'aborde l'homossexualité. Le professeur de Sciences est considéré le propriétaire du "savoir-faire" pour débattre ce thème. Ce travail a eu comme l'objectif identifier quel est la posture des professeurs de Sciences des écoles municipales d'Aracaju/SE qui participent du programme 'Horas de Estudo' devant les circonstances qui concernent à l'homossexualité. Par cela un questionnaire a été répondu par huit femmes et seulement un homme, tous professeurs. Et maintenant dans ce travail nous allons mettre en oeuvre une question du matériel réporté. On détache qui le group recherché comprend l'homossexualité d'une certaine façon comme variation inégal du désir, parce que des cinq sentences en débat, seulement deux ont été marquées d'une façon positive un peu plus que la demie des professeurs, ce que nous apporte raisons pour croire au préjugé de ces professeurs.

**Mots-clé:** Enseigner les Sciences; Éducation sexuelle; Homosexualité.

## INTRODUÇÃO

Como diz Montesquieu (1991), filósofo francês do século XVIII, julgamos as coisas por uma secreta projeção de nós mesmos. Dessa forma nos colocamos como padrão para avaliar o comportamento e as atitudes dos demais seres humanos. O ‘bom’ ou ‘mal’, o ‘certo’ ou ‘errado’, fazem parte da nossa vida, e usamos valores que aprendemos como ‘corretos’ para analisar a nós e aos outros. Aqueles que diferem do que consideramos ‘correto’, são mal vistos.

Mas como são formados esses valores? No contato com outros seres humanos. É no contato com o outro que nos educamos, como indica Freire (1987). É através desse contato que vamos aprendendo e formando nossos conceitos e valores, a partir dos quais iremos nos avaliar e julgar, além de estender tais apreciações aos outros. Ao entrarmos em contato com outros seres humanos, inicialmente na família, e posteriormente na escola, aprendemos a identificar sinais, atitudes e códigos reconhecidos como dentro ou fora da norma, do aceito. Meninos e meninas devem ter nomes diferentes, roupas de cores distintas, brinquedos e acessórios diferentes. Marca-se assim o menino como um indivíduo diametralmente diverso da menina.

Julgamos o ‘livro pela capa’. Deve-se parecer o máximo possível com o que a norma preconiza. E aqueles que de alguma forma desviam da norma, do padrão aceitável, sofrem com o preconceito e a discriminação. Reprova-se o indivíduo que está acima do peso, que é magro, alto, baixo, ou ainda que apresenta uma das características mais condenadas – ser reconhecido como homossexual.

Não apresentar comportamento em conformidade com o sexo biológico, é percebido como uma das atitudes mais passíveis de exprobração, dentre aquelas desviantes da norma. Mas não apenas homossexuais são vítimas desse tipo de preconceito. Todos os que não se encaixam nos modelos de comportamento esperados para seu sexo biológico, ou seja, menino mais delicado ou menina sem vaidades, são percebidos como ‘desviantes’ do padrão, e passíveis assim de críticas.

Na escola, esses comportamentos ‘adequados’ são reforçados por professores, funcionários e colegas. A escola concentra assim, esforços para reproduzir o padrão de sexualidade considerado ‘normal nos seus alunos’. Aos que não se encaixam nesse padrão, os ‘excêntricos’, são reservadas “as marcas da particularidade, da diversidade e da instabilidade” (LOURO, 2005 p. 44). Essas marcas são apontadas, colocadas em evidência, e os alunos

ficam expostos às diversas formas de agressão, pelo simples fato de serem diferentes da norma. Se, como Reich (1977 p.248) diz, “a homossexualidade não é crime social, não prejudica ninguém”, por que tanta aversão e agressividade contra aqueles que transgridem as normas de gênero? E por que a escola, que deveria ser um ambiente de promoção da tolerância, permite que a ocorrência desses ímpetos violentos?

Temas ligados à sexualidade nunca foram tranquilamente compreendidos ou abordados, mesmo por aqueles que se interessam pelo assunto. Para professores e professoras, isso não é uma exceção. Os cursos de formação de professores, em sua quase totalidade, não abordam esse tema (FURLANI, 2003). E se a escola tem problemas no trato com abordagens ligadas à sexualidade, quando o tema é ‘homossexualidade’ a polêmica é ainda maior, principalmente por gerar a homofobia – que é a intolerância ao desejo homoafetivo - muito presente no ambiente escolar.

Castro, Abramovay e Silva (2004) relatam que jovens, ao serem questionados sobre quais pessoas eles não gostariam de ter como colega de classe, aproximadamente 1/4 dos alunos indicam que não gostariam de ter um colega homossexual. Esses alunos dizem não ter preconceito, contanto que o homossexual não se aproxime deles. Dessa forma, o aluno que não é visto como heterossexual, o transgressor das normas de gênero, fica relegado ao distanciamento dos colegas. Evitar contato é uma das formas de preconceito elencadas por Allport (1962). Preconceito esse que, segundo as pesquisas, não ocorre apenas entre alunos e alunas.

Em se tratando de professores, de acordo com uma pesquisa da UNESCO “Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam” (2004), 59,7% dos que participaram da pesquisa, declararam considerar inadmissível “Ter experiências homossexuais” (p.144) e 21,2 % afirmaram não desejar ter como vizinhos homossexuais.

Professores que consideram ‘inadmissível’ experiências homossexuais e não aceitam ter como vizinhos uma pessoa apenas pela orientação sexual dela, já demonstram intolerância e pré-conceito com os homoafetivos. A vivência da sexualidade não qualifica ou desqualifica uma pessoa, não retira dela suas características positivas, nem mesmo acrescenta qualquer ponto negativo. A não aceitação de práticas homossexuais indica como para esses profissionais é difícil até mesmo entender que existem outras formas de vivenciar a sexualidade além da heterossexualidade. Professores com esse tipo de pensamento podem incentivar ou, no mínimo, silenciar frente a atitudes homofóbicas na escola.

Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004) quando a homossexualidade é tratada de forma preconceituosa e discriminatória no ambiente escolar, pode levar o(a) aluno(a) ao abandono da escola, à interrupção da carreira, pois ele(a) pode sentir falta de pertencimento a esse lugar. Estas autoras ressaltam ainda que existe uma tendência dos professores(as) em banalizar as atitudes discriminatórias contra esses alunos, pois “consideram que as brincadeiras não são manifestações de agressão, naturalizando e banalizando as expressões de preconceitos” (p.289).

Sobre o sexismo e a homofobia no ambiente escolar, Junqueira indica que estes:

produzem sofrimento e injustiça, uma vez que o preconceito – tanto racial como homossexual – afeta as relações sociais, pedagógicas, fatores de marginalização e exclusão de indivíduos. Colocam também em risco o direito à educação, por isso a escola não pode deixar de educar as crianças para o mundo. (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO, 2008 p.1)

A educação tem, portanto, um papel importante na busca do respeito e aceitação da diversidade. Uma educação que prima pela diversidade não é excludente, não segrega, nem discrimina. Para que essa educação ocorra é necessário que professores e professoras reconheçam os campos preconceituosos de suas ações e a necessidade de uma construção de visão de mundo não excludente para poder atuar junto a essas diversidades. Devem desfazer estereótipos e mitos sobre os diversos. Compreender porque estes foram assim nominados, e perceber a riqueza que trazem para a escola.

Uma escola que promova a diversidade é fundamentalmente tolerante. Como indica Santos (2006), para Montesquieu ninguém nasce tolerante e acrescentamos também que as pessoas não nascem intolerantes. É através do contato com o outro, da instrução e da educação que os indivíduos podem se tornar tolerantes ou intolerantes a determinados fatos ou fenômenos. Assim, a educação tem, para esse filósofo francês, um papel fundamental na construção de um mundo mais tolerante. Educa-se para entender e aceitar o diverso, o diferente, e ao promover essa educação está se ensinando o valor da tolerância, do aceitar e ser aceito.

Considerando que um dos principais objetivos da educação sexual intencional<sup>iii</sup> é permitir que as pessoas possam questionar os mitos, tabus e preconceitos que levam consigo, esta deve possibilitar a problematização de ideias, crenças e valores sobre as diversas formas de expressão da vida sexual.

Mas quem são esses professores e professoras que tratam de temas ligados à sexualidade em sala de aula? Castro, Abramovay e Silva (2004) indicam que a sexualidade vem sendo tratada principalmente como “um conteúdo restrito ao campo disciplinar da biologia”. (p. 38) É o professor de Ciências que vai ser considerado o responsável pela discussão do tema, é ele quem terá posse do que estas autoras chamam de “saber competente” (p.38). São os professores de Ciências, tradicionalmente, os que lecionam no 8º ano do ensino fundamental, os que têm a responsabilidade de trabalhar o tema ‘Reprodução’ em sala de aula.

Considerando que esses professores e professoras estarão na escola com alunos e alunas que podem ser percebidos como homossexuais e, conseqüentemente, sujeitos às práticas homofóbicas, surge o problema central desse artigo, que compõe a dissertação de mestrado de uma das autoras desse trabalho: qual o posicionamento de professores e professoras de Ciências do Município de Aracaju, que participam das ‘Horas de Estudo’ sobre a homossexualidade?

É necessário, portanto, que se realize uma investigação para conhecer qual a opinião destes professores e professoras sobre aspectos da homossexualidade.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo identificar qual o posicionamento de professores e professoras de Ciências das escolas municipais de Aracaju/SE que participam do programa “Horas de Estudo” frente a situações envolvendo a homossexualidade.

## **O CAMINHO PERCORRIDO**

Para atender ao objetivo central desse trabalho, utilizamos a metodologia qualitativa.

Considerando que a pesquisa pretende investigar opiniões dos(as) professores e professoras, optamos pelo questionário anônimo como instrumento de coleta de dados pelo fato de trabalharmos com um tema polêmico que possivelmente poderia gerar constrangimentos aos pesquisados no momento da exposição de valores muitas vezes fundamentados em preconceitos, fato esse que poderia ser minimizado pelo anonimato propiciado pelo questionário. Como forma de garantir o anonimato, os questionários receberam uma numeração que foi utilizada na análise destes.

Para elaboração do nosso instrumento de coleta, tomamos como base o questionário utilizado por Forastieri (2004) na sua pesquisa sobre as “Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio público estadual de Salvador sobre a variedade das orientações sexuais”.

Após a análise e adaptação do questionário à nossa realidade, o mesmo foi submetido à avaliação de dois grupos de professores – um de professores de Ciências que não participam do Programa “Horas de Estudo”, e outro de professores de Português, que participam do referido programa - com o propósito de verificar coerência e clareza das perguntas bem como as dificuldades que poderiam apresentar as respostas. As sugestões advindas de cada grupo foram acatadas, e o questionário modificado, ficou em sua versão final organizada em duas partes: uma inicial que forneceu os dados gerais e profissionais dos professores para caracterizar o grupo estudado, e uma segunda parte na qual se encontram as questões que enfocam os objetivos do trabalho.

A pesquisa foi realizada com oito professoras e um professor de Ciências do município de Aracaju que trabalham com o 8º ano, e participam do programa “Horas de Estudo” da Secretaria Municipal de Aracaju. Os professores participantes dessa pesquisa são graduados em Ciências Biológicas – Licenciatura, pela Universidade Federal de Sergipe, estão no exercício da profissão há mais de 10 anos, têm entre 34 e 61 anos e frequentam as “Horas de Estudo” há mais de 4 anos .

## **POSICIONAMENTO FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE**

Com o intuito de identificar o posicionamento das professoras e do professor frente à homossexualidade, foram propostas algumas das sentenças, que poderiam receber as seguintes marcações: ‘Concordo muito’, ‘Concordo pouco’; ‘Discordo muito’ e ‘Discordo pouco’.

As sentenças foram organizadas em dois grupos: o primeiro, no qual ficou a sentença que indica a homossexualidade como uma variação normal do desejo, como na sentença “Práticas homossexuais na adolescência são normais”, na qual as práticas homossexuais são vistas sem estranhamento. No segundo grupo ficaram as demais sentenças (“Os homossexuais não deveriam ser retratados na TV.”; “Não gostaria que um filho meu fosse amigo de uma criança adotada por um casal homossexual.”; “Os homossexuais são promíscuos.”; “Os homossexuais têm necessidade de demonstrar afeto em público.”), na qual a homossexualidade é vista como uma condição que diferencia o indivíduo apenas pela sua orientação sexual do desejo, que é assim percebido como um desejo desigual. (Tabela 1)

Convencionamos atribuir um ponto para cada professor que marcasse para a sentença do primeiro grupo, apenas resposta *Concordo muito*, que indica o caráter positivo da mesma.

As demais respostas mostram uma não concordância, mesmo que parcial à sentença, motivo pelo qual não receberam pontuação.

Para as sentenças do segundo grupo convencionamos pontuar apenas aquelas que estivessem marcadas com *Discordo muito*, que também serve para indicar o aspecto positivo das respostas. As outras respostas assinalam uma concordância, mesmo que pouca com o tema, por isso não foram pontuadas. Os pontos foram somados e os resultados organizados na Tabela 1.

**Tabela 1 – Posição dos Professores(as) frente à homossexualidade**

Sentença	Professor(a)	Total
<b>a) Variedade normal do desejo</b>		
Concorda		
B2 - Práticas homossexuais na adolescência são normais.	P.4	1
<b>b) Desejo desigual</b>		
Discorda		
Os homossexuais não deveriam ser retratados na TV.	P.1; P.2; P.4; P.5; P.7; P.8; P.9	7
Não gostaria que um filho meu fosse amigo de uma criança adotada por um casal homossexual.	P.1; P.2; P.4; P.7; P.8; P.9	6
Os homossexuais são promíscuos.	P.1; P.5; P.7; P.8	4
Os homossexuais têm necessidade de demonstrar afeto em público.	P.3; P.9	2

Das sentenças selecionadas para esta categoria, a que obteve maior pontuação (sete) foi a que indica que os homossexuais não deveriam ser retratados na TV. Dessa forma, para a maioria (sete) destes profissionais a homossexualidade não é um tema a ser escondido ou ocultado. Porém, vale ressaltar que a relação entre homossexuais nas novelas ainda é feita de forma tímida, como indica Meinerz (2003).

Porém, quando perguntados se os homossexuais têm necessidade de demonstrar afeto em público, apenas dois professores discordaram totalmente dessa ideia. Para a maioria dos professores, os homossexuais demonstram com mais frequência seu afeto. Mas será que tal fato seria verdadeiro? Os casais heterossexuais não estão a todo momento trocando beijos e carícias? Então porque uma demonstração de afeto entre homoafetivos aparece mais? Acreditamos como assinala Sell (2006), que existe maior visibilidade em um beijo de dois homoafetivos do que entre um homem e uma mulher. Provavelmente existe uma ‘naturalização’ das demonstrações de afeto entre os casais heterossexuais, elas não são tão visíveis, pois são socialmente esperadas, aceitas. Diferente do que acontece com casais

homossexuais, que ao demonstrarem seu afeto de forma igual aos heterossexuais têm sua conduta apontada e reprovada.

O que realmente existe é um incômodo com a demonstração de afeto entre homossexuais. Ao mostrar seu afeto em público, os homossexuais saem da posição marginal que são relegadas às sexualidades não heteronormativas e expõem seu modo de vida. Eles, ao demonstrarem abertamente sua forma de vivenciar a sexualidade assinalam que não são invisíveis. Essa invisibilidade à qual algumas pessoas são relegadas, é observada pela protagonista do romance “Preciosa”, Claireece Precious Jones (SAPPHIRE, 2010). Ela diz que se sente invisível, que não se percebe como uma ‘pessoa de verdade’. Claireece diz que, de forma semelhante aos vampiros que viu em um filme, ela não aparece na foto. Embora faça tudo que as outras meninas fazem, ela não é percebida como uma pessoa de verdade, sua presença não é registrada. A invisibilidade é percebida pela personagem, como uma forma de negação dos seus direitos. Se ela não aparece na foto, não é vista pelos outros, sua existência é ignorada. Suas necessidades não são atendidas e ela fica relegada a uma ‘cidadania de segunda classe’, que não tem tanto valor como os que aparecem na foto, as pessoas de verdade.

Com os homossexuais ocorre algo semelhante, seus direitos mais simples são negados, inclusive o de demonstrar o afeto em público. Como se o sentimento que unisse dois homoafetivos não fosse bom o suficiente para ser visto, para ‘aparecer na foto’. E quando estes não se conformam com atitudes que os mantenham na invisibilidade, quando demonstram afeto em público, essa atitude desconcerta aos que veem. A foto não está como deveria estar, ela está mostrando algo que não deveria ser visto, que deveria ficar oculto.

Esses professores que assinalam que os homossexuais têm maior necessidade de demonstrar afeto em público mostram todo o desconforto gerado pela visibilidade do afeto entre homoafetivos. Embora de forma implícita, deixam entender que esse tipo de demonstração não deveria ocorrer em público. Ao relacionarmos essas respostas com a questão que tratava da presença dos homossexuais na TV, quando sete professores discordaram dessa ideia, podemos inferir que a retratação dos homossexuais na TV não incomoda a esse grupo de professores por ser sutil, sem nem um beijo, por exemplo. Como diz Louro (2001 p.30) o que incomoda na realidade é “a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não heterossexuais.”. Essa autora assinala que o homossexual que é “admitido/a é aquele que disfarça sua condição”. (LOURO, 2001 p. 29). Se não mostrar, se sua presença não for suficiente para ‘sair na foto’, ele pode até existir, admite-se “ ‘outras’



identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam em segredo e sejam vividas apenas na intimidade” (LOURO, 2001, p. 30).

Em uma sala de aula, ou em qualquer espaço da escola, esse desconforto que os professores sentem frente a demonstrações de afeto entre casais homossexuais, pode gerar muitas angústias nesses alunos. Isso porque passa a ideia de que a forma que eles vivenciam o amor é feia, errada, já que não pode ser mostrado para todos, como fazem os heterossexuais. Deve ser vivido às escondidas, ou no máximo com os cuidados relatados por Cavaleiro (2008), quando foi solicitado a duas meninas pela direção da escola, que não se beijassem em público, pelo menos quando outras pessoas estivessem por perto. Essa autora traz depoimentos de professores que relatam o desconforto criado pelo beijo entre duas alunas homossexuais na porta da escola, onde os alunos esperavam para ver qual punição elas iriam receber pela ousadia de mostrarem seu afeto. Os professores dessa escola dizem que o beijo das meninas ‘choca’, elas são consideradas “diferentes, um desvio e mesmo ‘sabendo que meninos e meninas se beijam na escola’, as garotas são rotuladas como fazendo algo nojento.” (CAVALEIRO, 2008 p.3)

Quando perguntados sobre a concordância ou não com a sentença *Não gostaria que um filho meu fosse amigo de uma criança adotada por um casal homossexual*, seis professores não concordam com a mesma. Essas professoras demonstram não associar a convivência com alguém que tem pais homossexuais, como algo que possa ‘contaminar’ a orientação sexual. O fato de três educadores reprovarem a ideia de contato entre um filho seu e uma criança adotada por homossexuais demonstra o preconceito que esses professores têm com os homossexuais, pois existe uma antipatia contra uma criança apenas pelo fato dela estar em contato com homossexuais, fato esse que caracteriza o preconceito, como indica Allport (1962). De acordo com a escala de preconceito organizada por esse autor ‘evitar contato’ é o segundo item desta, que vai aumentando até o nível cinco, o mais violento. Evita-se o contato de uma criança com outra pela orientação sexual dos pais.

Sobre a sentença que associa homossexualidade com promiscuidade (*Os homossexuais são promíscuos.*), dos nove professores pesquisados, um não respondeu a essa assertiva e metade dos que responderam (quatro) indicou concordar, mesmo de forma tênue, com essa relação. Esse dado indica preconceito por parte de metade do grupo estudado. Afinal, como nos diz Nunan (2003) a promiscuidade não é atributo de um grupo, e sim de indivíduos.

Promiscuidade, considerada como uma frequente mudança de parceiros sexuais, é observada também entre heterossexuais, conforme indica Ceccarelli (2008). Dessa forma, não

pode ser considerado atributo de homossexuais. Ela é, segundo esse autor, característica de alguns indivíduos, sejam eles hetero ou homossexuais.

Professores e professoras que pensem na promiscuidade como característica dos homossexuais apresentam uma concepção distorcida dessa orientação sexual, e podem passar aos alunos essa forma de entender o tema. Quando uma visão com essa intencionalidade é passada aos alunos pode gerar diversos problemas, como exemplo: para os alunos heterossexuais pode incentivar o preconceito, a intolerância e conseqüentemente a homofobia. Tal postura está em desacordo com o artigo 3º das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que traz como um dos princípios que devem nortear o ensino o “respeito à liberdade e apreço à tolerância”.

Apenas uma professora concorda que práticas homossexuais na adolescência são normais. Para as demais professoras e professor tais práticas não seriam normais. A visão do grupo está em desacordo com o que indicam Rodrigues Júnior (1993) e Richard Parker (1993) para quem tais práticas são normais na adolescência, inclusive servindo de ‘aprendizado’. Retomamos a frase citada por Parker, para ilustrar essa visão “Homem, para ser homem, tem que dar primeiro” (p.335). Como ressaltado por Rodrigues Júnior (1993), participar dessas práticas na adolescência não tornará o jovem homossexual.

Transmitir aos alunos, mesmo aos heterossexuais, que as práticas homossexuais na adolescência não são normais, pode gerar ansiedade e dúvidas para aqueles que participaram dessas atividades. Como visto anteriormente, mais da metade dos professores que participaram da pesquisa da UNESCO “*Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam*” (2004), declarou considerar inadmissível “Ter experiências homossexuais”. (p.144). Professores que acreditam ser “inadmissível” que uma pessoa tenha experiências homossexuais, podem transmitir essa forma de pensar aos seus alunos e alunas - que a forma de viver um amor só é correto, válido, se este for entre indivíduos de sexos diferentes - as demais formas de amor seriam, portanto ‘inadmissíveis’.

Demonstrar sua intolerância, estimular atitudes homofóbicas por parte dos outros alunos, e até mesmo nada fazer, deixando o aluno à sua própria sorte, é uma forma de dizer ao adolescente que ele não é bem vindo, que sua forma de vivenciar a sexualidade não é correta. O professor que age assim, esquece a sua função de formar os educandos e que essas atitudes discriminatórias são simplesmente inadmissíveis entre aqueles que trabalham com crianças e adolescentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como professores e professoras lidam com a sexualidade diz muito aos alunos. Mesmo de forma indireta, comentários, risinhos, e até mesmo o silenciamento frente a atitudes discriminatórias são meios pelos quais alunos e alunas encontram ou não apoio para suas ações.

Alunos homossexuais ou aqueles percebidos como tal sofrem dia após dia com injúrias, xingamentos e agressões dos mais diversos dentro da escola. Não pretendemos como diz Paulo Freire (1996) que os educadores e educadoras sejam ‘anjos’. Eles são humanos e, portanto, falíveis. Mas como esse educador assinala, “pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão” (p. 65). A postura desses profissionais deve ser pautada pela ética, ética essa que não permite ironia ou a discriminação contra um aluno ou aluna por nenhum motivo.

Crianças e adolescentes estão sob responsabilidade da escola e em última instância do professor ou professora. Pensando assim, é que essa pesquisa voltou seu olhar para os professores e professoras que atuam em sala de aula, que podem perceber as discriminações que seus alunos sofrem e agir para diminuir a homofobia entre os educandos.

A pesquisa evidenciou que o grupo estudado em sua maioria, compreende essa orientação sexual, em certa medida, como um desejo desigual, pois das cinco sentenças aqui discutidas, em apenas duas (“Os homossexuais não deveriam ser retratados na TV.” e “Não gostaria que um filho meu fosse amigo de uma criança adotada por um casal homossexual.”) foram assinaladas de maneira positiva por mais da metade dos professores.

Levando em consideração que os educadores sabiam estar sendo avaliados nas suas respostas, o fato de não assinalarem de forma positiva as sentenças apresentadas mostra o preconceito destes em relação à homossexualidade, fato esse que pode gerar situações em que um aluno percebido como homossexual se sinta discriminado e conseqüentemente como não pertencente ao ambiente escolar.

Faz-se necessário um trabalho para auxiliar os professores a aceitarem as diversidades que os alunos trazem para a escola. O modelo ideal de aluno não contempla todas as diversidades de sujeitos que chegam à escola e tem direito de ter sua forma de viver entendida como válida. Precisamos atuar como agentes do processo educativo para todos, sem exceções. Agindo dessa forma estaremos instituindo uma escola verdadeiramente inclusiva, onde a diversidade possa existir livremente, sem medo da reprovação, da crítica. Para tanto, não só professores devem ser chamados à responsabilidade da construção dessa nova escola, mas

todos que convivem no espaço escolar. Aceitar as diversidades, ver os diversos como iguais, é uma meta que deve ser perseguida por aqueles que acreditam em uma educação na qual todos têm direito de aprender.

É importante ressaltar que os dados apresentados nesta pesquisa não podem ser considerados representativos para uma situação mais ampla, pois esta foi realizada apenas com uma parte dos professores e professoras de Ciências do Município de Aracaju.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, Gordon. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1962.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004. 426p.

CAVALEIRO, Maria Cristina. Feminilidades homossexuais no ambiente escolar: ocultamentos, violências e discriminações vividas por garotas. **Anais do Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008

CECARELLI, Paulo Roberto. A invenção da homossexualidade. In: **Bagoas**, n. 02, | 2008. | p. 71-93 2008. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03\\_ceccarelli.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v02n02art03_ceccarelli.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2009.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **A diversidade ensina e não é um problema**. Brasília: CNTE, 2008. Disponível em: <[http://www.cnte.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=573&Itemid=82](http://www.cnte.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=573&Itemid=82)>. Acesso em: 27 out. 2008.

FORASTIERI, Valter. **Concepções de Professores de Biologia do Ensino médio sobre a variedade de Orientações sexuais** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal da Bahia. Mestrado em Ensino de Ciências, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: \_\_\_\_\_ ; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre.(org). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 41-52.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

MEINERZ , Nádia Elisa Percepções sobre a abordagem da homossexualidade pela novela das oito por mulheres homossexuais de Santa Maria e Porto Alegre. In: **Anais A V Reunião de Antropologia do Mercosul**. Florianópolis, Santa Catarina, 2003.

MONTESQUIEU, Charles de Secondart. **O Espírito das Leis**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

PARKER, Richard. Homossexualidade masculina. In: RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.329-342.

REICH, Wilhelm. **A Revolução Sexual**. Tradução: Ary Blaustein. São Paulo: Zahar,1977.

RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.101-111.

SANTOS, Antônio Carlos dos. **A Via de Mão Dupla: tolerância e política em Montesquieu**. Ijuí: Ed. Unijuí; Sergipe: ADUFS, 2006.

SAPPHIRE. **Preciosa**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SELL, Sandro César. Zonas de incerteza punitiva . In: **Jus Navigandi**, Teresina, ano 10, n. 1210, 24 out. 2006. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=9079>>. Acesso em: 19 out. 2008.

UNESCO, **Perfil dos Professores Brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. São Paulo: Moderna, 2004.

---

<sup>i</sup> Mestre em Educação; Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades - GEPSEX - UFS

<sup>ii</sup> Doutora em Educação

<sup>iii</sup> Essa educação compreende “as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1993 p. 155)